

VEIGA, Luciana

Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Mestrado em Ciência Política e do Doutorado em Sociologia da UFPR.

Comportamento e valores políticos de eleitores

RESUMO:

Estudos (DALTON, 2002) vem apontando para o crescimento de dois tipos de eleitores nas últimas décadas: o eleitor apartidário, mas sofisticado cognitivamente e mobilizado em relação ao tema da política, e o eleitor partidário sem muitos recursos cognitivos e informação sobre os assuntos políticos. Tais perfis contrariam as descrições dos eleitores partidários e apartidários dos anos 60 (CAMPBELL, 1960). Buscamos, assim, aplicar a tipologia inspirado em DALTON (2008), que classifica os eleitores de acordo com duas variáveis: preferência partidária e sofisticação cognitiva sobre assuntos da política. A partir de análise de surveys do Estudo Eleitoral Brasileiro, realizados em 2002 e 2006, a intenção é verificar se os quatro tipos de eleitores se diferenciam no procedimento da escolha do voto e nos valores envolvidos neste comportamento (identificação ideológica e preferência partidária, grau de satisfação com os governos e avaliação da imagem do político). Os resultados encontrados apontam que há muitas similaridades sobre os procedimentos da escolha – todos disseram priorizar os temas/propostas, em seguida o passado e a imagem do político, e por último o partido ao elaborarem a sua decisão. Muitas são as diferenças sobre a avaliação do governo e, principalmente, sobre a avaliação de candidato, em 2002, e também presidente em 2006, Lula.

ABSTRACT:

Scholars (see Dalton, 2002) have pointed to the growth of two types of voters in recent decades: the non-partisan voter, cognitively sophisticated and mobilized over the issue of politics; and the partisan voter, who do not possess a lot of cognitive resources and information on political affairs. These profiles contradict the descriptions of partisan and non-partisan voters of the sixties (Campbell, 1960). Thus we seek to apply the typology inspired by Dalton (2008), which classifies the voters according to two variables: party preference and cognitive sophistication on matters of policy. From analysis of surveys of the Brazilian Electoral Study, conducted in 2002 and 2006, this paper intends to ascertain whether the four types of voters differ in procedures of choice and in values involved in the making of their choices (ideological identification and party preference, degree of satisfaction with governments and evaluation of the image of politicians). The results show that there are some similarities regarding the procedures of choice: all the interviewed said that, in order to formulate their decision, they prioritize, firstly, issues and proposals; secondly, the past and the image of politicians; and, finally, the candidate's party. There are many differences on the evaluation of government and mainly on the evaluation of the image of candidate Lula.

Comportamento e Valores políticos de eleitores

VEIGA, Luciana

Este artigo é sobre comportamentos e valores políticos de diferentes tipos de eleitores. Parte-se da premissa de que não existe um eleitorado uno, com comportamento idêntico ou mesmo semelhante, que possa ser explicado por uma ou outra corrente teórica sobre o voto. Desta forma, o primeiro objetivo que se coloca é apresentar uma tipologia dos eleitores a partir de duas variáveis: preferência partidária e sofisticação cognitiva da política. Ou seja, pessoas que manifestam possuir um partido de sua preferência comporão um tipo diferente daqueles que dizem não ter qualquer partido como preferido. No que se refere à sofisticação cognitiva da política vamos adotar como critério o hábito de leitura da parte política dos jornais, assim, o indivíduo que tem por hábito ler este segmento do noticiário ao menos uma vez por semana será tido como sofisticado cognitivamente e aquele que não tem tal costume será tido como não sofisticado cognitivamente¹.

Dando sequência à apresentação da tipologia, deve-se deixar explícito que a idéia de conjugar as duas variáveis – preferência partidária e sofisticação cognitiva da política – foi desenvolvida por DALTON (2008). DALTON (2008) demonstra-se interessado em conhecer o novo tipo de eleitor apartidário, mas orientado por temas, que vem aumentando na Europa e América do Norte desde o final dos anos 70. Trata-se de um cidadão mais estudado e bem informado, e ainda mobilizado pelos temas da política. Em sua definição sobre a sofisticação cognitiva, DALTON (2008) fala de envolvimento e conhecimento política.

¹ Era preciso selecionar algumas questões ou índices para possibilitar a criação dos tipos, há outras possibilidades que contemplem a necessidade de se mensurar a sofisticação cognitiva da política. Aqui foi esta a adotada.

Em artigo anterior, DALTON (2002) a partir de estudo sobre o nível de identidade partidária em países desenvolvidos e com sistema democrático estável no período de 1976 a 1992, de posse dos dados da pesquisa Eurobarômetro, aponta para a queda da identidade partidária entre os eleitores a partir dos anos 80. De acordo com Dalton e Wattenberg (2002), seriam três as justificativas para a redução da identidade partidária: primeiramente, o vínculo partidário estaria associado a escolaridade e maior disponibilidade de informações políticas. Os indivíduos estariam mais bem informados e, portanto, mais independentes dos partidos para a tomada de decisão. Para os autores, os eleitores estariam vivendo um momento marcado por valores pós-materialistas e portariam novas demandas como desenvolvimento sustentável, escolhas de estilo de vida e outros temas que extrapolam os temas da política. A crescente influência da mídia sobre o controle da divulgação da informação que antes era repassada à população pelos partidos também estaria contribuindo para o enfraquecimento da relação entre partidos e eleitores. Além disso, as novas técnicas de campanha e de pesquisas de opinião estariam alterando a prática da política, inclusive dentro dos partidos. Para além das três justificativas apresentadas, DALTON (2002) analisou como a idade e a escolaridade influenciariam a postura do eleitor sobre ter ou não identidade partidária. Em relação à educação, aspecto que nos interessa no presente estudo, Dalton considerou as ponderações de CAMPBELL et al (1960), que propõe que os eleitores independentes, sem identidade partidária, tendem a estar concentrados em grupos menos envolvidos em política e com menores conhecimento e escolaridade. No entanto, os resultados da pesquisa mostraram que, em seis de cada sete nações pesquisadas, o número de eleitores não partidários vem crescendo fortemente entre os cidadãos com alta escolaridade.

Em estudo anterior, VEIGA (2007), a partir de surveys pós-eleitorais do ESEB – Estudo Eleitoral Brasileiro realizados em 2002 e 2006,

apontou que o percentual de identidade partidária entre os eleitores brasileiros reduziu de 39% para 28%, ou seja, 11 pontos ao longo de quatro anos. Dentre as quatro principais legendas então em foco, Partidos dos Trabalhadores (PT), Partidos da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e Partido da Frente Liberal (PFL), a perda foi mais sentida pelo PT, com a redução da taxa de identidade com a legenda de 23 para 18 pontos. Contudo, o PT continua sendo o que mais desperta a identidade entre os eleitores. Com o mesmo estudo foi verificado ainda que o nível de escolaridade dos eleitores com identidade partidária reduziu entre 2002 e 2006, exceto para os eleitores identificados com o PMDB. O percentual de educação formal decaiu entre aqueles que se identificam com o PFL, o PSDB e, sobretudo, com o PT. Esse fenômeno corrobora o achado de DALTON de que a taxa de escolaridade entre os eleitores partidários vem decaindo, o que aponta para um novo perfil, menos escolarizado. Desta forma, é possível verificar o crescimento dois tipos de eleitores que merecem atenção: aqueles “novos apartidários”, isto é, sem preferência partidária, mas sofisticado do ponto de vista cognitivo e mobilizado para os temas da política e aqueles “novos partidários”, com preferência partidária e com menos escolarizado e informado. Buscar dar conta das mudanças recentes no eleitorado justifica a realização deste trabalho.

Assim, são dois os objetivos com este artigo: a) apresentar a tipologia do eleitor inspirada em DALTON (2008), com ênfase na explicação das variáveis que a compõem e nas especificidades que os tipos apresentam no que se refere aos determinantes do voto; b) aplicar o modelo ao caso brasileiro na eleição presidencial de 2002.

Para isto, utilizaremos dos dados levantados pela pesquisa Estudo Eleitoral Brasileiro, ESEB, rodada de 2002. O ESEB – já mencionado anteriormente – é um estudo pós-eleitoral sobre temas associados ao comportamento eleitoral, mas também a demais aspectos do sistema

político e representativo. Ele faz parte de um projeto internacional Comparative Study of Electoral System da Universidade de Michigan e no Brasil é coordenado pelo CESOP-Centro de Estudos de Opinião Pública vinculado à Universidade de Campinas - UNICAMP. Para este artigo faremos uso de apenas duas das três ondas de pesquisa já elaboradas, referentes a surveys realizados sempre imediatamente após o segundo turno. Os dados da segunda onda, de 2006, já estão disponíveis para estudo e serão utilizados ao analisarmos o eleitorado na íntegra, no entanto, não a utilizaremos para testar a tipologia, pois o questionário aplicado em 2006 não contempla informações sobre hábitos de informação dos eleitores, inviabilizando a aplicação da classificação. Os dados referentes à terceira onda, realizada em 2010, ainda não estão disponíveis para publicação.

O artigo está organizado da seguinte maneira, primeiro, buscamos aplicar a tipologia do eleitor, de forma a contemplar duas variáveis: preferência partidária e sofisticação cognitiva política, como já mencionamos. Os passos seguintes serão identificar se há diferença no comportamento eleitoral dos tipos no que se refere às variáveis explicativas do voto: ideologia, satisfação com o governante e imagem de candidatos. Entre uma coisa e outra, analisaremos o impacto de tais variáveis na decisão do voto do eleitorado de maneira geral.

1. A tipologia dos eleitores

Como foi mencionado, DALTON (2008) apresenta uma tipologia para o eleitorado a partir de duas variáveis: preferência partidária e sofisticação cognitiva da política. Desta maneira, sugere que existam quatro tipos de eleitores: a) aqueles com preferência partidária e com sofisticação cognitiva política, b) os com preferência partidária, mas sem sofisticação cognitiva política, c) eleitores sem preferência

partidária, mas com sofisticação cognitiva e ainda d) aqueles sem preferência partidária e sem sofisticação cognitiva.

Embora o autor proponha a tipologia, ele não chega a aplicá-la nos textos mencionados neste artigo (DALTON 2008). Portanto, foi preciso que adotássemos um critério objetivo e identificável nos questionários do ESEB para definir o eleitorado no que se refere a sofisticação cognitiva. Optamos por qualificar como sofisticado político em termos cognitivo aquele eleitor que lê a parte política do jornal ao menos uma vez por semana².

Além de propor a tipologia, DALTON (2008) sugere que os distintos eleitores podem adotar diferentes comportamentos sobre o voto, cada um ao seu jeito, dando importância a específicos determinantes da decisão eleitoral. Ao analisar a importância da preferência partidária, da imagem dos candidatos e da preferência por políticas/temas na decisão do voto dos quatro tipos de eleitores no universo americano no pleito presidencial de 2000, ele chama a atenção para o peso da imagem dos candidatos e das preferências políticas entre os eleitores apartidários, em detrimento da influência da legenda. O partido exerceu mais influência na decisão do voto dos eleitores partidários do que na dos demais – como era de se esperar – no entanto, ainda nestes grupos, a importância das imagens dos candidatos e os temas/políticas demonstram ser mais centrais na hora da decisão.

2. Os tipos de eleitores e os determinantes do voto em eleição presidencial brasileira.

² Sabemos de antemão que hoje muitos têm como hábito a leitura de notícias através dos sites jornalísticos na internet, mas neste trabalho ainda não contemplaremos este público.

A partir dos dados do Eseb 2002 foi construída a tabela 01 sobre a distribuição do eleitorado brasileiro nos tipos em análise. Foi possível verificar que os partidários com sofisticação cognitiva na política somam 32,9% dos eleitores, os apolíticos e apartidários representam 23,7% e 23,6% dos votantes – respectivamente – e o grupo de partidário ritual, 19,8%. Destaca-se que o segmento de eleitores sem preferência partidária se distribui de maneira semelhante entre aqueles que possuem (49,8%) e que não possuem (50,2%) sofisticação cognitiva – mensurada aqui a partir do hábito de leitura da parte política do jornal em ao menos uma vez por semana. Já entre os eleitores partidários, há uma maior concentração dos mesmos no grupo com sofisticação cognitiva (62,4%) do que entre os sem sofisticação cognitiva (37,6%).

Tabela 01 – Tipologia dos eleitores no Brasil em 2002
(Gosta de algum partido político * Lê a parte de política do jornal)

		Lê a parte de política do jornal?		Total	
		Não	Sim		
Gosta de algum partido político	Não	N	315	313	628
		% Gosta de algum partido político	50,2%	49,8%	100,0%
		% Lê a parte de política do jornal	54,5%	41,8%	47,3%
		% do Total	23,7%	23,6%	47,3%
	Sim	N	263	436	699
		% Gosta de algum partido político	37,6%	62,4%	100,0%
		% Lê a parte de política do jornal	45,5%	58,2%	52,7%
		% do Total	19,8%	32,9%	52,7%
Total	N	578	749	1327	
	% Gosta de algum partido político	43,6%	56,4%	100,0%	
	% Lê a parte de política do jornal	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	43,6%	56,4%	100,0%	

Fonte: ESEB, 2002. Dados tratados pela autora.

De posse de tal síntese, busca-se agora identificar em que aspectos os distintos grupos de eleitores se aproximam e se diferenciam no que

se refere à decisão do voto. A partir das duas principais correntes que explicam o comportamento sobre o voto – teoria psicológica e da teoria da racionalidade – iremos testar a influência das seguintes variáveis no comportamento dos atores em foco: autolocalização ideológica por parte do eleitor, preferência partidária, satisfação com o governo atual e imagem do candidato. Para organização da análise, em um primeiro momento, apresentaremos os dados descritivos dos cruzamentos das variáveis - dependente (voto) e as independentes (autolocalização ideológica, preferência partidária e as demais listadas acima) e as análises de correlação³ entre as mesmas. Neste primeiro estágio, vamos analisar o eleitorado em sua íntegra. Nestes momentos, poderemos lançar mão de dados da segunda rodada ESEB 2006 e traçar algumas comparações em relação à disputa de 2002. No entanto, quando, a seguir, buscarmos mirar nos quatro tipos de eleitores, a análise sempre se restringirá à rodada do ESEB 2002, pelo motivo já apontado.

2.1. Valores políticos: ideologia e preferência partidária

De acordo com a teoria psicológica do comportamento eleitoral, os valores políticos adquiridos no decorrer do processo de socialização terminam por repercutir nas decisões políticas e eleitorais do cidadão. Neste sentido, para explicar e prever o comportamento dos eleitores se faz necessário identificar entre os mesmos tais valores. O posicionamento do eleitor na escala esquerda e direita tem sido utilizado como preditor do voto desde os trabalhos inaugurais desta corrente como *The American Voter* (CAMPBELL, 1960) até os dias atuais.

Para os autores da Teoria Psicológica, os eleitores tendem a votar naqueles partidos e candidatos que mais se aproximam de seus valores ideológicos. Desta maneira, eleitores mais a esquerda na

³ Deve-se dizer que foram considerados missing todas as respostas que apontavam para desconhecimento dos conceitos de esquerda e direita.

escala ideológica tendem a votar em partidos mais a esquerda. Neste trabalho identificamos a autolocalização na escala esquerda/direita de todo o grupo e também dos subgrupos. Assim como apresentaremos como os eleitores e subgrupos localizam os partidos na escala ideológica. E ainda mensuramos a correlação entre esta variável e o voto.

Na tabela 02 é possível constatar o perfil mais conservador do eleitorado brasileiro, a partir de sua própria leitura. Considerando que a escala utilizada no ESEB se iniciava no ponto 0 (esquerda) e terminava no ponto 10 (direita), tendo em mente a média de tal medida, verifica-se que o eleitor brasileiro se autolocalizava nos pontos 6,02, em 2002, e em 6,04, em 2006. Na mesma tabela, é possível identificar como os eleitores classificaram os partidos. Dentre as três maiores legendas brasileiras, naquele momento, os eleitores mais se distanciam na escala esquerda e direita do PT. A mesma tendência é verificável em 2006. No entanto, nas duas disputas, o Partido dos Trabalhadores foi o que venceu a disputa presidencial.

Para comparar o desempenho dos partidos, podemos constatar que o Partido dos Trabalhadores (PT) é aquele avaliado como o mais a esquerda da escala, sendo localizado nos pontos 4,01(em 2002) e 4,04 (em 2006). De 2002 para 2006, os eleitores percebem ter o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) avançado mais para a esquerda já que na primeira rodada estava no ponto 6,36 e na segunda rodada foi para 5,72. A tendência para a esquerdização dos partidos na percepção dos entrevistados se estende também ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Tabela 02 – Localização Esquerda/Direita dos Partidos e dos Eleitores por si mesmo⁴

⁴ Perguntas: Classificação dos partidos: Na política as pessoas falam muito de esquerda e de direita. Gostaria que o(a) Sr(a) usasse um número de ZERO a 10 para

	Rodada Eseb	Posicionamento _eleitor	Classificação do PSDB entre esquerda e direita	Classificação do PMDB entre esquerda e direita	Classificação do PT entre esquerda e direita
2002	Válido	995	889	937	1011
	Missing	1518	1624	1575	1502
N					
Média		6,0254	6,18	6,36	4,01
2006					
N	Válido	582	560	552	604
	Missing	418	440	448	396
Média		6,04	5,77	5,72	4,04

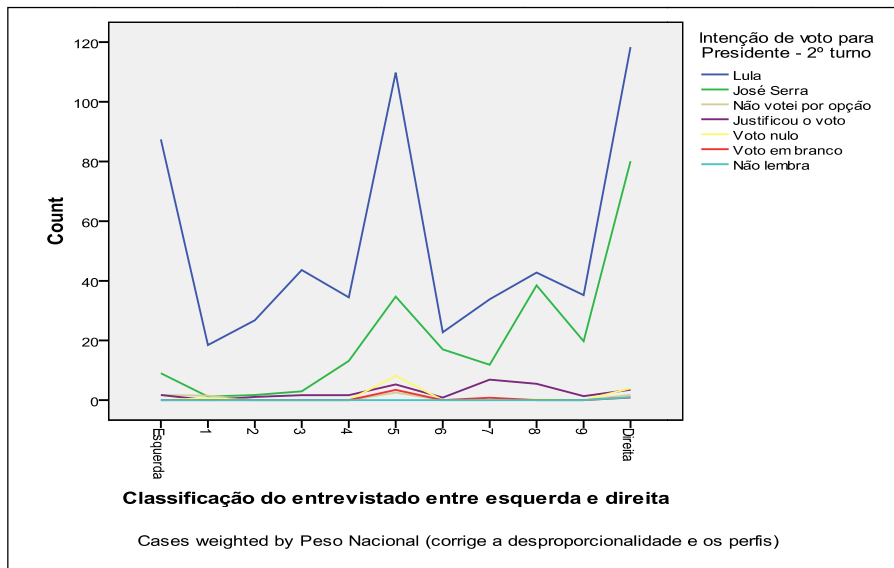
Fonte: Eseb 2002 e 2006. Dados tratados pela autora

A fim de avançar na análise, elaboramos dois gráficos – referentes ao segundo turno dos pleitos de 2002 e 2006 – sobre a autoclassificação ideológica do eleitor na escala esquerda/direita e voto para Presidente na disputa. Diante da figura 01, podemos constatar que em 2002, enquanto o candidato mais a esquerda no pleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), obteve votos distribuídos de maneira muito semelhantes entre os eleitores de esquerda (localizados de 0 a 5 na escala) e os eleitores de direita (5 a 10), o candidato mais à direita José Serra (PSDB) teve melhor desempenho entre os eleitores de direita (localizados do ponto 5 ao 10 na escala) do que entre os eleitores de esquerda. Foi feita ainda a análise de correlação Coeficiente de Contingência.⁵ O resultado aponta que há uma correlação relativamente forte (,383 sig 0,000) entre voto e autolocalização esquerda e direita no Brasil em 2002. A respeito da disputa em 2006, a análise de correlação com Coeficiente de Contingência não tem resultado significativo (sig 0,402).

dizer se o partido político que eu vou dizer é de esquerda ou de direita: PT? (Alternância da menção aos partidos). Classificação de si mesmo: Novamente pensando em esquerda e direita na política. Como o(a) Sr(a) se considera? Zero significa que o(a) Sr(a) é de esquerda e 10 que o(a) Sr(a) é de direita

⁵ Esta correlação mensura a relação entre duas variáveis quando ao menos uma delas pode ser classificada como categórica, isto é, um tipo de categoria que não guarda em si qualquer idéia de ordem do tipo baixo ou alto, concorda ou discorda, ou qualquer outra que possa ser organizada em um contínuo. No caso em específico, a intenção de voto – a variável dependente – pode ser definida como categórica, daí a utilização da correlação de contingência.

Figura 01: Disputa 2002 - Voto para Presidente e Autolocalização na escala esquerda/direita



Fonte: ESEB 2002. Dados tratados pela autora.

Tabela 03 – Disputa 2002: Voto para Presidente e Autolocalização na escala esquerda/direita Correlação Coeficiente de Contingência

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Contingency Coefficient	,383	,000
N of Valid Cases	862	

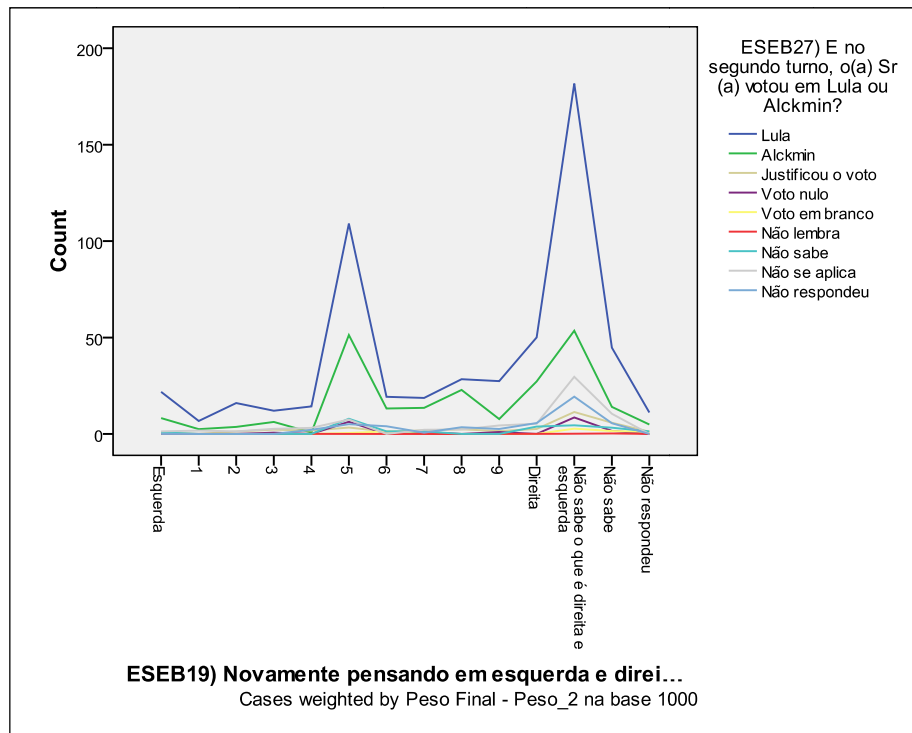
Fonte: ESEB 2002. Dados tratados pela autora.

Tabela 04: Disputa 2006 - Voto para Presidente e Autolocalização

na escala esquerda/direita	Value	Approx. Sig.
Correlação Coeficiente de Contingência		
Nominal by Nominal Contingency Coefficient	,333	,402
N of Valid Cases	579	

Fonte: ESEB 2006. Dados tratados pela autora.

Figura 02 – Disputa 2006: Voto para Presidente e Autolocalização na escala esquerda/direita



Fonte: ESEB 2006. Dados tratados pela autora

O passo seguinte é analisar como os quatro tipos se autolocalizavam na escala esquerda e direita (Tabela 05). Neste aspecto, podemos verificar que o eleitor partidário sofisticado político em termos cognitivo é aquele mais à esquerda de seus pares (média 5,16 na escala), na sequência temos o eleitor apartidário (média 5,62), o eleitor apolítico (6,01) e, por fim, o eleitor partidário ritual (média 6,13). Se faz necessário reconhecer que embora presentes as diferenças não chegam a ser muito acentuadas.

A fim de avançarmos ainda mais na análise, buscou-se explicitar como se distribuía a preferência partidária entre os eleitores partidários mais e menos sofisticados em termos cognitivos na política. Ao fazermos isto, fica claro que o eleitor partidário mais sofisticado tem uma tendência a preferir mais os partidos de esquerda do que o eleitor partidário menos sofisticado que tende a preferir mais os partidos de direita do que os seus pares (Tabela 06).

Tabela 05: Classificação do entrevistado entre esquerda e

direita (Média e mediana) por tipo de Eleitor

Gosta de algum partido político		Lê a parte de política do jornal	
Não	Média		6,01
		Mediana	6,00
	Sim	Média	5,62
		Mediana	5,00
Gosta de algum partido político		Lê a parte de política do jornal	
Sim	Média		6,13
		Mediana	7,00
	Sim	Média	5,16
		Mediana	5,00

Fonte: ESEB 2002. Dados tratados pela autora.

Tabela 06 – Distribuição dos eleitores partidários mais e menos sofisticados em termos cognitivos por preferência partidária

Gosta de algum partido	Lê a parte de política do jornal	Percent	Valid Percent		
Sim	Não	PPB	,5	1,6	
		PDT	,9	2,8	
		PT	15,9	52,0	
		PTB	,7	2,4	
		PMDB	3,0	9,7	
		Lula	,1	,3	
		PL	,4	1,2	
		PFL	2,9	9,4	
		PSDB	5,2	17,2	
		Partido do Serra	,6	1,9	
		Maluf	,4	1,4	
		Total	30,5	100,0	
		Missing	NA	69,3	
			NR	,2	
			Total	69,5	
Total		100,0			

Lê a parte de política do jornal		Percent	Valid Percent	
Gosta de algum partido	Sim	Valid		
		PPB	,1	,4
		PDT	1,5	4,5
		PT	17,6	51,1
		PTB	,7	2,1
		PMDB	5,3	15,5
		PSTU	,1	,2
		PL	,2	,5
		PPS	,1	,4

	PFL	2,6	7,6
	PSB	,4	1,1
	PSDB	4,5	13,1
	PC do B	,6	1,6
Sim	Partido do Brizola	,3	,8
	Maluf	,2	,5
	MDB	,2	,6
	Total	34,4	100,0
Missing	NA	65,4	
	NR	,2	
	Total	65,6	
	Total	100,0	

Fonte: Eseb 2002. Dados tratados pela autora.

Em síntese, podemos verificar que o eleitorado brasileiro em 2002 se posicionou mais a direita do que a esquerda, no ponto 6,02 da escala que tem como extrema esquerda o 0 e como extrema direita o 10. Em 2006, o eleitor brasileiro se autolocalizava no ponto 6,04, permanecendo a tendência de quatro anos antes. Destaca-se, no entanto, que os quatro tipos de eleitores podem ser diferenciados no que tange a ideologia. Os eleitores partidários sofisticados em termos cognitivos e os eleitores apartidários tendem a ter um pouco mais de inclinação para a esquerda do que os demais. Ao expormos as preferências partidárias fica explícito que os eleitores partidários sofisticados tendem a preferir partidos de esquerda com mais recorrência do que os eleitores partidários rituais, que por sua vez, tendem a preferir mais partidos de direita do que os primeiros.

Já no que se refere ao comportamento em relação ao voto, embora os eleitores tenham se autolocalizados mais distantes do PT do que dos demais partidos na escala esquerda e direita, foi possível identificar uma correlação estatisticamente significativa entre identidade ideológica e voto no segundo turno em 2002, mas não em 2006.

2.2. Avaliação do desempenho do mandatário e voto

De acordo com a teoria da Escolha Racional, o eleitor poderá ter um comportamento maximizante no sentido exposto por DOWNS (1999) ou um comportamento satisfacionista no sentido apresentado por KRAMER (1971). Na primeira situação, ele buscará votar no candidato que acreditar que lhe trará mais resultados positivos se eleito. Na segunda situação, o eleitor lançará mão de informações de fácil alcance como o desempenho dos governantes para se portar como um juiz, avaliando se a partir de seu desempenho o atual governante deve permanecer no governo ou se é melhor trocá-lo pela oposição.

O uso da satisfação com os governos como um determinante do voto tem estado muito presente nos estudos sobre comportamento eleitoral nas últimas décadas. Aqui também buscaremos ver como se dá a distribuição do voto em 2002 entre os eleitores então satisfeitos ou insatisfeitos com o segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e, em 2006, quatro anos depois, veremos o comportamento dos mesmos, mas agora sob julgamento os quatro anos do primeiro mandato do Presidente Lula (PT).

Em 2002, 59,2% dos votos em Lula (PT) vinham de eleitores que estavam insatisfeitos com o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Da mesma maneira, 70,2 % dos votos em José Serra (PSDB) eram de eleitores satisfeitos com o então governo de FHC. Já em 2006, ano de reeleição de Lula (PT), 98,5% de seus votos eram dados por eleitores satisfeitos com o mandato do candidato presidente. Em ambos os pleitos, foi possível verificar que há correlação significativa e forte entre as duas variáveis.

2º turno * Avaliação do Governo Fernando Henrique nos últimos 4 anos⁶

		Avaliação do Governo Fernando Henrique nos últimos 4 anos							
		Péssimo	Ruim	Regular para Ruim	Regular para Bom	Bom	Ótimo	Total	
Intenção de voto para Presidente - 2º turno	Lula	Count	275	443	80	110	409	30	1347
		%	20,4%	32,9%	5,9%	8,2%	30,4%	2,2%	100,0%
	José Serra	Count	48	104	31	71	315	47	616
		%	7,8%	16,9%	5,0%	11,5%	51,1%	7,6%	100,0%

Fonte: Eseb 2002. Dados tratados pela autora.

Tabela 8: Disputa 2002
Intenção de voto para Presidente - 2º turno
(Avaliação do Governo Fernando Henrique nos últimos 4 anos)

Correlação - Análise de Coeficiente de Contingência		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Contingency Coefficient	,309	,000
N of Valid Cases		2100	

Fonte: Eseb, 2002. Dados tratados pela autora

Tabela 9: Disputa de 2006
Intenção de voto para Presidente - 2º turno
(Avaliação do Governo Lula nos últimos 4 anos)

Na sua opinião, de uma maneira geral o	
--	--

⁶ A pergunta: Na sua opinião, de uma maneira geral o Governo (Fernando Henrique ou Lula) nos últimos 4 anos foi....

		Governo Lula nos últimos 4 anos foi....							
		Muito bom	Bom	Ruim	Péssimo	Não sabe	Não respondeu	Total	
ESEB27) E no segundo turno, o(a) sr(a) votou em Lula ou Alckmin?	Lula	Count	89	436	27	6	0	2	560
		%	15,9%	77,9%	4,8%	1,1%	,0%	,4%	100,0%
	Alckmin	Count	2	80	101	42	5	0	230
		%	,9%	34,8%	43,9%	18,3%	2,2%	,0%	100,0%

Fonte: Eseb, 2006. Dados tratados pela autora

Tabela 10: Disputa 2006
Intenção de voto para Presidente - 2º turno
(Avaliação do Governo Lula nos últimos 4 anos)

Correlação – Análise de Coeficiente de Contingência		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Contingency Coefficient	,513	,000
N of Valid Cases		999	

Fonte: Eseb, 2006. Dados tratados pela autora

O passo seguinte foi verificar se os tipos de eleitores avaliavam de maneira distinta o Governo Fernando Henrique em 2002. Na tabela 11, fica claro que os eleitores partidários politicamente sofisticados eram aqueles que avaliavam de maneira mais negativa o Governo de FHC (55,2 de avaliação negativa). Atitude coerente com aquela demonstrada anteriormente de ser este segmento o mais a esquerda em termos ideológicos entre os seus pares. O segundo grupo mais insatisfeito era o dos apolíticos (53,9% de avaliação negativa). Os

apartidários eram aqueles que se demonstravam mais satisfeitos com 48% de avaliação negativa.

Em síntese, sobre a variável independente avaliação do governo, constata-se que a teoria satisfacionista se aplica às disputas de 2002 e 2006 na medida em que foi detectada a existência de correlação significativa e forte entre a mencionada variável e o voto nas duas situações. Registra-se ainda uma alteração na avaliação de governo apresentada pelos quatro grupos.

Tabela 11: Avaliação do Governo Fernando Henrique nos últimos 4 anos

Gosta de algum partido político?	Lê a parte de política do jornal	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent				
Não	Não	Valid	Péssimo	54	17,1	17,4	17,4		
			Ruim	99	31,5	32,1	49,5		
			Regular para ruim	14	4,3	4,4	53,9		
			Regular para bom	19	6,0	6,1	60,0		
			Bom	119	37,8	38,5	98,5		
			Ótimo	5	1,4	1,5	100,0		
			Total	310	98,2	100,0			
		Missing	NS	3	1,0				
			NR	2	,7				
			Total	6	1,8				
			Total	315	100,0				
		Sim	Sim	Valid	Péssimo	41	13,3	13,3	13,3
					Ruim	90	28,7	28,8	42,2
					Regular para ruim	19	6,0	6,1	48,3
Regular para bom	32				10,1	10,1	58,4		
Bom	117				37,4	37,6	96,0		
Ótimo	12				3,9	4,0	100,0		
Total	311				99,3	100,0			
Missing	NR			2	,7				
Total	313			100,0					
Sim	Não			Valid	Péssimo	41	15,4	15,5	15,5
					Ruim	78	29,6	29,7	45,1
					Regular para ruim	11	4,1	4,1	49,2
					Regular para bom	33	12,6	12,7	61,9
					Bom	93	35,3	35,4	97,3
		Ótimo	7		2,7	2,7	100,0		
		Total	262		99,7	100,0			
		Missing	NS	1	,3				
		Total	263	100,0					
		Sim	Valid	Péssimo	77	17,8	17,8	17,8	
				Ruim	134	30,8	30,8	48,5	
				Regular para ruim	29	6,7	6,7	55,2	
				Regular para bom	40	9,2	9,2	64,4	
				Bom	137	31,4	31,4	95,8	
Ótimo	18			4,2	4,2	100,0			
Total	436			100,0	100,0				
Total	500	100,0							

Fonte: Eseb, 2002. Dados tratados pela autora.

2.3. Imagem do candidato

Por fim, interessa-nos estudar a influência que a imagem do candidato exerce sobre a decisão sobre o voto. São cada vez mais recorrentes os argumentos sobre a personalização da política e das campanhas que agora chegaria até mesmo nos sistemas parlamentaristas (McALLISTER, 2008). Mas desde o início da teoria psicológica argumenta-se o peso deste quesito particularmente na ausência da identidade partidária. Dentre as características pessoais mais avaliadas pelos candidatos estão a honestidade, a competência e a experiência. Neste sentido, busca-se entender até que ponto a imagem do candidato Lula em 2002 e então Presidente de 2006 estava correlacionada com o voto. Posteriormente, iremos avaliar se os tipos tem a mesma percepção do então candidato Lula, que terminou por vencer as duas disputas. A partir da tabela 12 podemos averiguar que a imagem do candidato estava correlacionada de maneira significava e forte com a decisão do voto, particularmente no que se refere à honestidade.

**Tabela 12: Disputa 2002
Intenção de voto para Presidente – 2º turno
(Avaliação da imagem de Lula)**

Correlação – Análise de Coeficiente de Contingência		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Ser Lula o candidato mais confiável	,569	,000
	N of Valid Cases	2058	
Nominal	Ser Lula o mais honesto	,402	,000
	N of Valid Cases	1955	
Nominal	Ter Lula mais experiência	,460	,000
	N of Valid Cases	1964	

Fonte: Eseb, 2002. Dados tratados pela autora

Na sequência, o nosso objetivo foi verificar se os quatro tipos de eleitores avaliavam de maneira semelhante ou distinta a imagem de Lula. A partir da tabela 13, podemos verificar que os eleitores partidários – com e sem sofisticação cognitiva e da política – percebiam mais honestidade em Lula do que os demais.

Tabela 13: Percepção de Lula como o mais honesto e os tipos de eleitores

Gosta de algum partido político ?	Lê a parte de política do jornal		Frequência	Percent	Valid Percent	Cumulativa Percent		
Não	Não	Valid	Não mencionado	35	11,0	12,4	12,4	
			Em 1º lugar	115	36,4	41,1	53,6	
			Em 2º lugar	44	14,0	15,8	69,4	
			Em 3º lugar	20	6,5	7,3	76,7	
			Nenhum deles	65	20,6	23,3	100,0	
			Total	279	88,4	100,0		
			Missing	NS	30	9,4		
				NR	7	2,2		
				Total	36	11,6		
			Sim	Total Valid		315	100,0	
	Não mencionado	38			12,0	14,3	14,3	
	Em 1º lugar	106			33,8	40,3	54,6	
	Em 2º lugar	54			17,3	20,6	75,2	
	Em 3º lugar	15			4,7	5,6	80,8	
	Nenhum deles	50			16,1	19,2	100,0	
	Total	263			83,9	100,0		
	Missing	NS			34	10,9		
		NR			16	5,2		
		Total			50	16,1		
	Sim	Não	Total Valid		313	100,0		
Não mencionado				21	8,2	8,6	8,6	
Em 1º lugar				151	57,5	60,5	69,1	
Em 2º lugar				34	12,8	13,5	82,5	
Em 3º lugar				16	6,1	6,4	88,9	
Nenhum deles				28	10,6	11,1	100,0	
Total				250	95,2	100,0		

	Missing	NS	12	4,7		
		NR	0	,1		
		Total	13	4,8		
	Total		263	100,0		
Sim	Valid	Não mencionado	37	8,6	9,0	9,0
		Em 1º lugar	265	60,9	64,2	73,2
		Em 2º lugar	59	13,4	14,2	87,4
		Em 3º lugar	21	4,7	5,0	92,4
		Nenhum deles	31	7,2	7,6	100,0
		Total	413	94,9	100,0	
	Missing	NS	20	4,6		
		NR	2	,6		
		Total	22	5,1		
	Total		436	100,0		
	Total		500	100,0		

Fonte: Eseb, 2002. Dados tratados pela autora.

Em síntese, até neste momento, temos – sobre 2002 e 2006 - as correlações entre voto e: a) posicionamento esquerda/direita, b) avaliação de governo e c) imagem do candidato. Para esta análise foi considerado o eleitorado de maneira mais geral. Paralelamente, foi demonstrado como o posicionamento ideológico, a avaliação do governo e a imagem do candidato apresentavam alterações a depender do tipo de eleitor, o que – acredita-se – terminava por influenciar na escolha do voto.

2002

Posicionamento esquerda e direita	,383 (Sig 0,000)
Satisfação com o governo	,309 (Sig 0,000)
Imagem do candidato(mais confiável)	,569 (Sig 0,000)

2006

Posicionamento esquerda e direita	Sig 0,402 (não significativo)
-----------------------------------	-------------------------------

Satisfação com o governo ,513 (Sig 0,000)

Preferência pelo candidato (gosta do Lula)⁷ ,570 (Sig 0,000)

Para finalizar o trabalho, foram sistematizadas as principais razões manifestadas pelos eleitores para explicar a sua decisão do voto. O primeiro ponto a ser destacado é que as propostas são tidas como o aspecto que mais influencia o voto por todos os eleitores, independente de qual tipo pertençam. As razões manifestas de alguma maneira reforçam a fragilidade percebida sobre as variáveis como identidade ideológica e partidária – mesmo entre eleitores partidários – quando comparadas com outras variáveis como propostas e passado do candidato. Não deve ser descartada, no entanto, a possibilidade do reflexo da ideologia nas propostas políticas apresentadas pelos partidos e assimiladas pelos eleitores. Afinal, quando se imagina que mundo futuro se deseja, os valores de esquerda e direita dão o tom. No entanto, não deixa de chamar a atenção que a influência da ideologia e do partido seja destacadamente verbalizada por apenas uma pequena parcela de eleitores partidários – rituais (5,5%) ou sofisticados em termos cognitivos (4,5%). O passado do candidato é o segundo aspecto considerado mais importante por todos os entrevistados.

Desta maneira, podemos dizer que os quatro tipos de eleitores se diferenciam mais em decorrência do conjunto de valores e conhecimento que possuem do que devido aos procedimentos de tomada de decisão do voto que adotam. Constata-se, pequenas diferenças nas ideologias, e de maneira mais acentuada distinções na satisfação dos governos e na imagem que fazem dos candidatos.

Tabela 14 - Item mais importante na escolha de candidato a Presidente

Algum partido político	Lê a parte de política do jornal	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
------------------------	----------------------------------	-----------	---------	---------------	--------------------

⁷ ESEB16) Agora usando as mesmas notas, gostaria que o(a) Sr(a) me dissesse o quanto gosta de alguns políticos que vou mencionar: Lula

		representa sua maneira de pensar					
Não	Não	Valid	Pessoa do candidato	42	12,7	13,0	13,0
			Partido	10	2,9	3,0	16,0
			Propostas	135	40,3	41,5	57,5
			O seu passado	135	40,3	41,5	99,0
			Não pensa em nada	3	1,0	1,0	100,0
			Total	325	97,2	100,0	
	Missing	NS	4	1,1			
		NA	4	1,3			
		NR	1	,4			
		Total	9	2,8			
	Sim	Valid	Pessoa do candidato	52	14,9	15,3	15,3
			Partido	5	1,4	1,4	16,7
Propostas			154	44,3	45,6	62,4	
O seu passado			127	36,5	37,6	100,0	
Total			338	97,0	100,0		
Missing			NS	1	,4		
Missing	NA	7	2,0				
	NR	2	,6				
	Total	11	3,0				
	Total	348	100,0				
Sim	Não	Valid	Pessoa do candidato	32	14,0	14,7	14,7
			Partido	13	5,5	5,7	20,4
			Propostas	103	44,4	46,4	66,7
			O seu passado	74	31,9	33,3	100,0
			Total	221	95,8	100,0	
			Missing	NA	8	3,5	
	Missing	NR	2	,7			
		Total	10	4,2			
		Total	231	100,0			
		Sim	Valid	Pessoa do candidato	57	15,3	15,7
	Partido			17	4,5	4,6	20,2
	Propostas			170	45,7	46,8	67,0
O seu passado	117			31,6	32,3	99,3	
Não pensa em nada	2			,7	,7	100,0	
Total	363			97,8	100,0		
Missing	NA	7	2,0				
	NR	1	,2				
	Total	8	2,2				
	Total	26	97,6	100,0			
Missing	NA	1	2,4				
	Total	27	100,0				

Fonte: Eseb, 2002. Dados tratados pela autora

Conclusões

Ao longo deste artigo a intenção foi aplicar uma tipologia do eleitor a partir daquela proposta por DALTON (2008), de forma a contemplar duas variáveis: preferência partidária e sofisticação cognitiva. Da mesma, originaram quatro tipos de eleitores: partidários com sofisticação cognitiva e política, partidários rituais, apartidários e apolíticos.

O passo seguinte foi identificar se havia diferença no comportamento eleitoral dos tipos no que se referia a três variáveis explicativas do voto: ideologia, satisfação com o governante e imagem de candidatos. Por detrás da seleção destas variáveis estão as duas principais teorias do comportamento eleitoral, a corrente psicológica e a teoria da escolha racional. Para a elaboração deste trabalho foram utilizados os bancos de dados da pesquisa ESEB, rodadas de 2002 e 2006.

A análise foi sistematizada no sentido de averiguar qual era o peso de cada uma das variáveis independentes no voto do eleitor de maneira mais geral nos pleitos de 2002 e 2006. E na sequência, verificar como os tipos se diferenciavam em relação a cada variável em questão.

Constatou-se que a variável ideologia estava correlacionada com o voto para Presidente no pleito de 2002, mas não em 2006. No que se refere às diferenças entre os grupos, verifica-se que o eleitor partidário sofisticado político em termos cognitivo é aquele mais à esquerda de seus pares, tendo na sequência o eleitor apartidário, o eleitor apolítico e, por fim, o eleitor partidário ritual. Se faz necessário reconhecer que embora presentes, as diferenças não chegam a ser muito acentuadas. Ficou claro ainda que o eleitor partidário mais sofisticado tem uma tendência a preferir mais os

partidos de esquerda do que o eleitor partidário menos sofisticado que tende a preferir mais os partidos de direita do que os seus pares.

A respeito da variável satisfação com os governos, destaca-se a correlação das mesmas com o voto em 2002 e, ainda mais forte, em 2006. Com foco nos grupos, os eleitores partidários politicamente sofisticados eram aqueles que avaliavam de maneira mais negativa o Governo de FHC. Atitude coerente com aquela demonstrada anteriormente de ser este segmento o mais a esquerda em termos ideológicos entre os seus pares. O segundo grupo mais insatisfeito era o dos apolíticos. Os apartidários eram os mais satisfeitos com FHC.

Por fim, constatamos que a variável mais fortemente correlacionada com o voto era a imagem do candidato tanto em 2002 quanto em 2006. Com respeito aos grupos, podemos verificar que os eleitores partidários – com e sem sofisticação cognitiva e da política – percebiam mais honestidade em Lula do que os demais em 2002.

Com este estudo, buscamos apresentar uma tipologia do eleitor, sabemos que se trata apenas de uma, entre outras que podem ser criadas com foco em outras variáveis. A discussão sobre o crescimento do eleitor apartidário, mas envolvido e sofisticado cognitivamente, merece atenção. O mesmo pode ser dito sobre o crescimento do número de eleitores partidários rituais, sem muitos recursos cognitivos sobre a política. Um estudo interessante seria aplicar esta discussão para o caso da eleição presidencial de 2010, no Brasil. E entender como o eleitor apartidário, de alguma maneira, pode ter estado vinculado ao voto de Marina Silva, por exemplo, candidata que obteve ótimo desempenho entre os eleitores mais escolarizados. Por ora, são apenas especulações para discussões futuras.

Referências bibliográficas

CAMPBELL, Angus et al. *The American Voter*. Nova York: Wiley, 1960.

DALTON, Russell. *Citizen Politics: Public Opinion and Political Parties in Advanced Industrial Democracies*. Washington: CQ Press, 2008 (5.edição).

DOWNS, Anthony. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: Edusp, 1999 [1957]

KRAMER, Gerald. Short -Term Fluctuations in US Voting Behavior: 1896-1964. In: *The American Political Science Review*. Vol. 65, 1971

McALLISTER, I. *The Personalization of Politics*. In: *The Oxford Handbook of Political Behavior*. Oxford: Oxford University Press, 2008

VEIGA, Luciana F. Os partidos brasileiros na perspectiva dos eleitores: mudanças e continuidades na identificação partidária e na avaliação das principais legendas após 2002. *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, vol. 13, nº 2, Novembro, 2007, p.340-365

